

Priscila Besen

PRISCILA BESEN

Auckland University of Technology

ORCID: 0000-0003-2264-992X

Priscila is a Lecturer in Sustainable and Regenerative Architecture at AUT's Huri Te Ao School of Future Environments. Her research, teaching and practice aim to develop better design practices to create regenerative, healthy, liveable built environments for a post-carbon future. She undertook undergraduate studies in architecture in Brazil and the USA, and completed her Masters and PhD at the University of Auckland. She integrates life-cycle thinking into built environment design through her research on post-occupancy evaluation, co-design, life-cycle energy performance, adaptive reuse and retrofit.

HOW TO QUOTE (APA7):

Besen, P. (2023). Co-designing collective housing for a regenerative future: Lessons from Indigenous communities in Aotearoa New Zealand and South America. In M. Mortensen Steagall (Ed.), Lln M Steagall & R. Pouwhare (Eds.), *LINK 2023 5th International Conference in Practice-oriented Research and Global South* (pp.29-32). <https://10.24135/link2022.v4i1.199>

Video
Presentation



Co-designing collective housing for a regenerative future: Lessons from Indigenous communities in Aotearoa New Zealand and South America

Keywords

Indigenous knowledge, co-design, collective housing, regenerative design.

Since moving to Aotearoa New Zealand, I have been attempting to learn about Mātauranga Māori and understand how we can embed values from local cultures and traditional knowledges into the design of our future built environments. These learnings help me rethink architectural design and pedagogy not only here, but also in my home country, Brazil, and the wider South American context. In the global context of climate and ecological crises, Indigenous knowledge can help us learn to live lives with a closer connection to the natural environment, to be mindful of the use of natural resources and to be more collective-oriented. Indigenous perspectives are important in our transition to a regenerative future, where we aim to go beyond sustainability to create positive impacts for ecology, health and society. In this context, I have been working with a team of researchers from Auckland University of Technology and Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Chile, on a project investigating co-design practices to develop better housing models with Indigenous communities. Indigenous concepts of 'home' are multidimensional and often extend beyond the physical and social environments where people live. Although there are diverse cultures across the world, fundamental ideals of 'home' are shared amongst many Indigenous communities, such as relationships that connect a person to all that surrounds them, connections to other people,

living beings, land, ancestors, stories, languages, and traditions. Most housing options in colonised countries have tended to promote values of individualisation, private property rights and nuclear family units; public housing policies and architectural designs have often been imposed on indigenous communities based on non-indigenous ideals of good housing. However, more recently, these original values and collective forms of living have been re-emerging across the globe, with many successful examples of new collective housing co-designed with Indigenous communities. This presentation will share findings from this research carried out in Aotearoa New Zealand and South America, which investigates contemporary housing solutions co-designed with Indigenous communities. Case studies from different countries are explored, and interviews with architects reveal key lessons learned in participatory practices with residents. The findings show differences and similarities across the Pacific, highlighting key valuable shared principles that can be applied to all forms of housing for a regenerative future, such as multigenerational relationships, connection to the natural environment, shared spaces and resources and initiatives to create a real sense of community. The lessons learned about co-design processes can be valuable for designers working with collective housing in the Global South and other areas across the globe.

Co-projetando habitações coletivas para um futuro regenerativo: Lições de comunidades indígenas em Aotearoa, Nova Zelândia e América do Sul

Palavras Chave:

Conhecimento indígena, co-design, habitação coletiva, design regenerativo.

Desde que me mudei para Aotearoa, Nova Zelândia, tenho tentado aprender sobre Mātauranga Māori e entender como podemos incorporar valores de culturas locais e conhecimentos tradicionais no projeto de nossos futuros ambientes construídos. Esses aprendizados me ajudam a repensar o projeto arquitetônico e a pedagogia não apenas aqui, mas também no meu país de origem, o Brasil, e no contexto sul-americano mais amplo. No contexto global de crises climáticas e ecológicas, o conhecimento indígena pode nos ajudar a aprender a viver vidas com uma conexão mais próxima com o ambiente natural, a ter consciência do uso dos recursos naturais e a ser mais orientados para o coletivo. As perspectivas indígenas são importantes em nossa transição para um futuro regenerativo, no qual pretendemos ir além da sustentabilidade para criar impactos positivos na ecologia, na saúde e na sociedade. Nesse contexto, tenho trabalhado com uma equipe de pesquisadores da Auckland University of Technology e da Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, no Chile, em um projeto que investiga práticas de co-design para desenvolver melhores modelos de moradia com comunidades indígenas. Os conceitos indígenas de "Iar" são multidimensionais e muitas vezes vão além dos ambientes físicos e sociais onde as pessoas vivem. Embora existam diversas culturas em todo o mundo, os ideais fundamentais de "Iar" são compartilhados entre muitas comunidades indígenas, como relacionamentos que conectam uma pessoa a tudo o que a cerca, conexões com outras pessoas, seres vivos, terras, ancestrais, histórias, idiomas

e tradições. A maioria das opções de moradia nos países colonizados tendeu a promover valores de individualização, direitos de propriedade privada e unidades familiares nucleares; as políticas públicas de moradia e os projetos arquitetônicos foram muitas vezes impostos às comunidades indígenas com base em ideais não indígenas de boa moradia. No entanto, mais recentemente, esses valores originais e as formas coletivas de vida têm ressurgido em todo o mundo, com muitos exemplos bem-sucedidos de novas moradias coletivas projetadas em conjunto com as comunidades indígenas. Esta apresentação compartilhará os resultados dessa pesquisa realizada em Aotearoa, Nova Zelândia e América do Sul, que investiga soluções habitacionais contemporâneas projetadas em conjunto com comunidades indígenas. São explorados estudos de caso de diferentes países, e entrevistas com arquitetos revelam as principais lições aprendidas em práticas participativas com os residentes. As descobertas mostram diferenças e semelhanças em todo o Pacífico, destacando os principais e valiosos princípios compartilhados que podem ser aplicados a todas as formas de moradia para um futuro regenerativo, como relacionamentos multigeracionais, conexão com o ambiente natural, espaços e recursos compartilhados e iniciativas para criar um verdadeiro senso de comunidade. As lições aprendidas sobre os processos de co-design podem ser valiosas para os designers que trabalham com habitações coletivas no Sul Global e em outras áreas do mundo.

Co-diseñar viviendas colectivas para un futuro regenerativo: Lecciones de las comunidades indígenas de Aotearoa Nueva Zelanda y Sudamérica

Palabras clave:

Conocimiento indígena, codiseño, vivienda colectiva, diseño regenerativo.

Desde que me mudé a Aotearoa Nueva Zelanda, he estado tratando de aprender sobre Mātauranga Māori y entender cómo podemos integrar los valores de las culturas locales y los conocimientos tradicionales en el diseño de nuestros futuros entornos construidos. Estos conocimientos me ayudan a replantearme el diseño arquitectónico y la pedagogía no sólo aquí, sino también en mi país, Brasil, y en el contexto sudamericano en general. En el contexto mundial de crisis climática y ecológica, el conocimiento indígena puede ayudarnos a aprender a vivir con una conexión más estrecha con el entorno natural, a ser conscientes del uso de los recursos naturales y a estar más orientados hacia lo colectivo. Las perspectivas indígenas son importantes en nuestra transición hacia un futuro regenerativo, en el que pretendemos ir más allá de la sostenibilidad para crear impactos positivos para la ecología, la salud y la sociedad. En este contexto, he estado trabajando con un equipo de investigadores de la Universidad Tecnológica de Auckland y de la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso (Chile) en un proyecto que investiga prácticas de codiseño para desarrollar mejores modelos de vivienda con las comunidades indígenas. Los conceptos indígenas de "hogar" son multidimensionales y a menudo van más allá del entorno físico y social en el que viven las personas. Aunque existen diversas culturas en todo el mundo, muchas comunidades indígenas comparten ideales fundamentales de "hogar", como las relaciones que conectan a una persona con todo lo que la rodea, las conexiones con otras personas, seres vivos, tierra, antepasados,

historias, lenguas y tradiciones. La mayoría de las opciones de vivienda en los países colonizados han tendido a promover valores de individualización, derechos de propiedad privada y unidades familiares nucleares; las políticas de vivienda pública y los diseños arquitectónicos se han impuesto a menudo a las comunidades indígenas basándose en ideales no indígenas de buena vivienda. Sin embargo, más recientemente, estos valores originales y formas colectivas de vida han resurgido en todo el mundo, con muchos ejemplos de éxito de nuevas viviendas colectivas diseñadas conjuntamente con las comunidades indígenas. En esta presentación se expondrán los resultados de una investigación llevada a cabo en Aotearoa, Nueva Zelanda, y Sudamérica, en la que se estudian soluciones contemporáneas de vivienda diseñadas conjuntamente con comunidades indígenas. Se analizan estudios de casos de distintos países, y las entrevistas con arquitectos revelan las principales lecciones aprendidas en las prácticas participativas con los residentes. Las conclusiones muestran diferencias y similitudes en todo el Pacífico, destacando valiosos principios clave compartidos que pueden aplicarse a todas las formas de vivienda para un futuro regenerativo, como las relaciones multigeneracionales, la conexión con el entorno natural, los espacios y recursos compartidos y las iniciativas para crear un verdadero sentido de comunidad. Las lecciones aprendidas sobre los procesos de codiseño pueden ser valiosas para los diseñadores que trabajan con viviendas colectivas en el Sur Global y en otras zonas del planeta.